

Dança

16, 17, 18 Dezembro 2011

Orphée Orfeu

Um espectáculo de José Montalvo
e Dominique Hervieu

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Coreografia José Montalvo e Dominique Hervieu **Cenografia e conceito vídeo** José Montalvo
Figurinos Dominique Hervieu **assistida por** Siegrid Petit-Imbert **Música** Claudio Monteverdi, Christoph W. Gluck, Philip Glass, Francesco Durante, Giovanni Felice Sanches, Giuseppe Maria Jacchini, William Byrd, Luiz Bonfá, La Secte Phonétik, Sergio Balestracci **Conselheira de dramaturgia** Catherine Kintzler **Luz** Vincent Paoli
Criado com e interpretado por: **Bailarinos** Stéphanie Florant, Natacha Balet, Delphine Nguyen (nome artístico Deydey), Babacar Cissé (nome artístico Bouba), Grégory Kamoun, Brahem Aiche (na apresentação em Lisboa, Brahem Aiche aparece apenas no vídeo), Luca Patuelli (nome artístico Lazylegz), Karim Randé, Stevy Zabarel (nome artístico Easley) **Bailarinos-cantores** Sabine Novel (soprano), Blaise Kouakou (baixo), Merlin Nyakam (baixo) **Cantores e músicos** Soanny Fay (soprano), Julien Marine (contra-tenor), Sébastien Obrecht (tenor/violoncelista), Florent Marie (tiorba)
Colaborador vídeo Pascal Minet **Infografia** Franck Chastanier, Sylvain Decay, Clio Gavagni, Michel Jaen Montalvo, Basile Maffone **Assistentes de coreografia** Roberto Pani, Joëlle Iffrig
Co-produção Théâtre National de Chaillot, Association artistique de l'Adami/“Talents Danse Adami”, Grand Théâtre de Luxembourg, Théâtre de Caen
Créditos das imagens Laurent Philippe/ Getty Images/ Patrick Berger; *Orphée charmant les animaux*: Ecole de Boucher, Musée d'Art, Roger-Quillot (MARQ), Ville de Clermont-Ferrand, cliché J.C. Sergère; *Orphée*, Pieter Brueghel, Archives Alinari, Florence, Dist: RMN/Mauro Magliani CAL - Alinari Archives, Florença; *Orphée et Eurydice*, Ary Scheffer, foto: RMN - René-Gabriel Ojéda; *La Mort d'Orphée*, Maître de Ferrare foto BPK - Berlim, Dist. Photo RMN/ Fotógrafo desconhecido. *La Mort d'Orphée*, Emile Levy, foto: RMN - Musée d'Orsay Konstantinos Ignatiadis **Fotografias do espectáculo** Laurent Philippe. Copyright: TNC **Equipa técnica em digressão** Xavier Baron (operação de luzes), Philippe Gomez (operação de som), Franck Lacourt, Philippe Baptiste (operação vídeo), François Michaudel (direcção de cena)

Sex 16, Sáb 17, Dom 18 de Dezembro
21h30 (Dom 18 às 17h) · Grande Auditório · Duração aprox. 1h10 · M10

Do mito ao palco

O mito de Orfeu e as suas interpretações

O espectáculo apresenta-se como um mergulho na abundante riqueza de interpretações do mito de Orfeu através dos séculos. Como acontece com todos os grandes mitos clássicos, todos esses Orfeu(s) formam um labirinto extravagante onde se pode ler uma parte da história da cultura europeia.

A questão chave é a da composição. José Montalvo e Dominique Hervieu conceberam uma arquitectura global suficientemente flexível e aberta para acolher os diferentes tratamentos do mito. O espectáculo articula e sobrepõe várias interpretações que se convocam, cruzam e espelham, criando um universo físico e mental, como que jogando jubilosamente com essas múltiplas interpretações do mito. No âmago desta profusão de interpretações há uma série de digressões em que a intriga explode e parece perder-se em mil *sketches*. O díptico formado por Ovídio e Virgílio é o astro central em torno do qual, como satélites vindos da Idade Média, da Renascença, do século XVIII, do Romantismo e do século XX, gravitam interpretações singulares que lançam uma luz particular sobre uma narrativa com múltiplas faces.

Um mito é sempre um drama humano em forma condensada. É por isso que pode servir de símbolo de uma situação actual. Orfeu é a mais humana das personagens míticas (poeta divino, mas sobretudo poeta humano). O *Orfeu* dos coreógrafos José Montalvo e Dominique Hervieu permanece vivo através dos meios de expressão e das prioridades estéticas dos coreógrafos.

Os rostos de Orfeu

O elenco junta intérpretes vindos de universos muito diferentes, todos com personalidades fortes e com estilos de dança muito marcados. São virtuosos não só devido à técnica ou às *performances* espectaculares que nos oferecem, mas sobretudo pela singularidade das suas respectivas linguagens e pela sua capacidade de dialogar com universos da dança muito distintos dos seus – são bailarinos/ autores em quem o virtuosismo e a inventiva se combinam.

Tal como nos anteriores espectáculos de José Montalvo e Dominique Hervieu, entre estes intérpretes encontram-se uma bailarina clássica (em pontas), bailarinos-cantores africanos, bailarinos contemporâneos, de *hip-hop*, e também duas personagens incomuns: um bailarino sobre andas (Karim Randé), que representa o Orfeu semi-deus, dotado de poderes sobrenaturais, no caso o poder de “voar” sobre o palco, entre o céu e a terra. Pelo seu carácter espectacular, este intérprete evoca o Orfeu mágico; e um bailarino de muletas (Luca Patuelli, nome artístico Lazylegz), que representa a capacidade do homem de superar-se através da arte. Um Orfeu frágil e jovem, humano, que se torna sobre-humano através da dança; um intérprete que vence e sublima a sua desvantagem graças à dança.

Para este espectáculo, José Montalvo e Dominique Hervieu decidiram renovar totalmente o elenco. Quase nenhum dos bailarinos trabalhou em criações suas anteriores, o que testemunha uma vontade de mudança e sobretudo o choque que sentiram por ocasião das audições que tiveram lugar em Setembro e Outubro de 2009 no Théâtre National de

Chaillot, que lhes permitiram descobrir, entre os 700 candidatos, personalidades excepcionais.

Cada intérprete trabalhou em improvisações ou compôs sobre os temas próprios de Orfeu que interessavam aos coreógrafos: o poder da arte e do amor, o “encantamento”, o caos e a estranha magia com que a arte o ameniza, a perda, o olhar fatal, o inferno, a fronteira entre os mortos e os vivos.

Uma mini-ópera

Orfeu marca uma etapa no percurso de José Montalvo e Dominique Hervieu, com a presença em palco de cantores-músicos: quatro cantores líricos, dois cantores africanos e dois músicos (tiorba e violoncelo). Os cantores interpretam o canto do primeiro acto do *Orfeo* de Monteverdi, áreas do *Orfeu e Euridice* de Gluck e há mesmo algumas piscadelas de olhos ao *Orfeu Negro*. Dão corpo e voz aos vários rostos de Orfeu, entre os quais o Orfeu músico, incarnado por Sébastien Obrecht, tenor, que se acompanha a si próprio ao violoncelo, em referência à lira mítica; e o Orfeu negro, interpretado por dois cantores tradicionais africanos. Verdadeiros feiticeiros, Merlin Nyakam e Blaise Kouakou fazem referência de forma lúdica aos mitos de Orfeu.

Os universos musicais

Orfeu tem sido ao longo dos tempos um viveiro de inovações para os que reescrevem o mito na sua linguagem própria ou se inspiram nele, conferindo uma modernidade renovada a este Orfeu iluminado pela sua visão, a sua imaginação e as preocupações do seu tempo. Em consonância com o desejo dos

coreógrafos de jogar com a memória, de cruzar referências, a composição musical articula-se em torno de três obras fundamentais e três épocas:

A primeira é o *Orfeo* de Monteverdi, que representa o nascimento da ópera (1607). O principal tema do *Orfeo* é o poder do canto, ou melhor, do encantamento.

A segunda é o *Orfeu e Euridice* de Gluck (1774), que permite seguir o fio narrativo, a lenda, através das árias emblemáticas desta ópera.

Enfim, com *The Orphée suite for Piano* de Philip Glass (1993), a coreografia apropria-se do universo pianístico de Glass, inspirado nos filmes de Cocteau (*Orphée*, 1949, e *Le Testament d'Orphée*, 1959).

O Orfeu de José Montalvo e Dominique Hervieu não propõe uma sucessão articulada de estados e de dramas, enriquece-os misturando os níveis e os tempos, interrogando assim os grandes temas de Orfeu através da arte da mistura, da multiplicidade de pontos de vista, do desdobramento das personagens e das situações. É portanto para um percurso através da história da música, para uma fusão de culturas, que o espectador é convidado.

A influência de Rubens numa obra decididamente contemporânea

Rubens, como pintor de um Orfeu (*Orfeu confia no auxílio dos deuses do inferno*, 1635), mas também como contemporâneo de Monteverdi, influenciou o processo de criação do espectáculo. Desta influência só restam alguns detalhes visíveis pelo espectador, mas a passagem por Rubens serviu de âncora ao imaginário da companhia como trama

“sensorial”, sobretudo no trabalho de movimento.

A cenografia e as imagens

Nas peças de José Montalvo e de Dominique Hervieu, as imagens em vídeo contextualizam, transpõem, são ao mesmo tempo cenário e *trompe-l'oeil*, jogam na fronteira entre o real e o imaginário, desenvolvem os imaginários, criam outros sentidos de leitura...

Estas imagens podem apresentar modelos, figurantes (crianças, adultos, nus, pessoas idosas...) mas também animais, objectos, paisagens, cidades. No caso de Orfeu, personagem mítica que encanta os animais, impõem-se os cavalos, os unicórnios e os leões. A este vídeo junta-se um trabalho em directo que permite desdobrar ou amplificar os gestos dos bailarinos, ao “vivo”.

Ao longo do espectáculo os bailarinos interagem enquanto cantam, falam, dançam com as imagens, num jogo vertiginoso de perspectiva, de ilusão e de imagem dentro da imagem.

A arte da colagem, a mestiçagem

O objectivo não é apropriar-se de um mito, uma herança, para propor uma interpretação, mas questioná-lo, trabalhá-lo e retrabalhá-lo através de uma escrita coreográfica, musical e cinematográfica. Os espectáculos criados por José Montalvo e Dominique Hervieu nascem de uma vontade de mestiçagem que emerge da multiplicidade dos encontros. Encontros inesperados entre universos que em princípio não se encontrariam.

Pôr em diálogo épocas, estilos, artistas, géneros entre os quais até então



© Laurent Philippe

não tinha havido contacto. Os coreógrafos usam os processos da tecelagem, do entrançamento ou da montagem, desta vez a partir de quatro escritas diferentes que funcionam como “carris” e propõem, cada uma, ganhos de sentido claros e fortes: a coreografia, os textos, a música, seleccionada a partir de obras-primas e do canto “ao vivo”, o vídeo e a infografia.

Excertos de imprensa

José Montalvo mantém um gosto imoderado pelo excesso e pela extravagância. Gosto partilhado por Dominique Hervieu com a sua dança “reflexo”. (...) A trama do novo espectáculo *Orfeu* é a metáfora da separação. (...) A lenda presta-se perfeitamente a este universo picaresco e imaginário de Montalvo-Hervieu e à manipulação da ilusão, ao estilo Alwin Nikoláís, mestre do género. Com experiência de encenação de óperas (*Les Paladins* de Rameau, *Porgy and Bess* de Gershwin), os coreógrafos-encenadores sabem bem manipular o real e o virtual.
Marie-Christine Vernay, *Libération*

As referências (pictóricas, animalistas) e as danças que, como sempre em Montalvo-Hervieu, puxam cada uma para seu lado entre clássico, contemporâneo, barroco, *hip-hop* e africano, fazem girar o carrossel a um ritmo desmesurado. A velocidade da articulação entre os registos musicais, dançados e cantados age como um gerador permanente de euforia. O mérito desta visão de Orfeu é dar primeiro razão à vida, à beleza dos corpos, ao seu apetite e ao seu desejo de se divertirem, antes de pensar na

sequela sombria, projectada em negativo no ecrã multicolor.

Rosita Boisseau, *Le Monde*

A personagem de Orfeu que Montalvo-Hervieu apresentam é um poeta de inspiração transbordante, louco de amor e cheio de vida. Revisitam o mito num ambiente de alegria e de mestiçagem. No palco, bailarinos, cantores e músicos, personalidades artísticas radicalmente diferentes para encontros explosivos e fecundos. Assim, na coreografia, o *break-dance* responde naturalmente ao barroco e por vezes, no meio dos ténis do *hip-hop*, surge uma sapatilha de pontas. Mesmo os cantores líricos se revelam muito bons bailarinos.

Marie-Valentine Chaudon, *La Croix*



© Laurent Philippe



José Montalvo e Dominique Hervieu

Em 1981, José Montalvo – coreógrafo – encontra Dominique Hervieu – bailarina – e começa a coreografar peças curtas lúdicas, uma espécie de aforismos coreográficos, de que ela é a principal intérprete. Juntos elaboram uma gestualidade própria caracterizada pela fluidez, rapidez e precisão, que confere um estilo particular às suas produções.

Entre 1986 e 1988 vários prémios internacionais (Concurso de Nyon, 1986, Danse à Paris, 1987, Concurso coreográfico Cagliari, 1988) distinguem as coreografias de José Montalvo, todas interpretadas por Dominique Hervieu, que recebe em 1988 o prémio de interpretação feminina do Concurso internacional de dança de Paris. É o início de uma aventura artística e de uma profunda cumplicidade que, em 1988, dá origem à Companhia Montalvo-Hervieu.

Em 1993, com a cumplicidade do videasta Michel Coste, José Montalvo e Dominique Hervieu estreiam, na Scène Nationale de Macon, *Double trouble*, peça inaugural do confronto entre a imagem tecnológica e a presença física dos corpos dos bailarinos. A partir daí,

José Montalvo, assistido por Dominique Hervieu, dedica-se à produção de um conjunto de obras que, bastando-se a si próprias, poderiam um dia ser apresentadas no seu conjunto, ao estilo de um grande fresco barroco: *Podebal* (1992), *Double trouble* (1993), *Hollaka Hollala* (1994), *La Gloire de Jérôme A.* (1995), *Pilhaou Thibaou II* (1995), *Les Surprises de Mnemosyne* (1996) no Maggio Fiorentino para o Ballet do Teatro Comunale de Florença, *La Mitrailieuse en état de grâce* (1996), *Paradis* (1997), *Un nioc de paradis* (1999), *Le Jardin io io ito ito* (1999), apresentado na Culturgest em Outubro de 2000.

Com *Paradis* e *Le Jardin io io ito ito*, a originalidade do seu trabalho é saudada em todo o mundo, nomeadamente, no BAM de Nova Iorque, no Melbourne International Festival, no Teatro Municipal de São Paulo e do Rio de Janeiro, na RomaEuropa, no Barbican Centre de Londres, no Internationales Tanzfest de Berlim, no HetMusiekteater de Amsterdão, no Tanztheater de Wuppertal... *Le Jardin io io ito ito* recebeu um Laurence Olivier Award para melhor espectáculo do ano 2001 em Londres, após o Ballet de Francfort de William Forsythe em 1999 e o Nederlands Dans Theater de Jiri Kylian em 2000. Criam, em 1999, para as estrelas da Opéra Nacional de Paris, *Le Rire de la lyre*, e compõem em Maio de 2000, *Variation au paradis*, peça criada exclusivamente para a Abertura do 53º Festival Internacional de Cinema de Cannes.

Paralelamente à criação, lançam-se em 1989 na organização de eventos *in situ*, que propõem aos habitantes de uma cidade uma peça coreográfica criada à medida deles: *Les Danses à*

voir et à danser juntam entre 303 mil pessoas (como foi o caso em Créteil no âmbito do Festival Internacional da Cidade) de todas as idades, de todos os horizontes, e constituem, no seu modo lúdico, uma tentativa de reconquista da festa e do prazer de dançar.

Em Junho de 1998, são nomeados directores do Centre Chorographique National de Créteil et du Val-de-Marne e continuam a desenvolver neste território – paralelamente à sua missão de criação e difusão – um trabalho de formação e educação artísticas com actividades originais que facilitam o acesso à arte coreográfica.

Em Setembro de 2001, Dominique Hervieu cria *Mosaïque... Danse(s) d'une ville*, espectáculo coreográfico para 180 bailarinos amadores dos 15 aos 85 anos, verdadeiro retrato multicultural dançado da cidade de Créteil.

Em Junho de 2000, José Montalvo e Dominique Hervieu são nomeados, respectivamente, director para a dança e directora para a missão público jovem e acções junto do público do Théâtre National de Chaillot. São igualmente distinguidos com a condecoração de Chevalier des Arts et des Lettres.

A partir de 2002, Dominique Hervieu interrompe a sua carreira de intérprete e assina com José Montalvo os espectáculos da companhia. Criam *Babelle heureuse*, um conto coreográfico para 21 intérpretes entre os quais dois músicos iranianos que interpretam em cena músicas tradicionais do golfo persa. Deste espectáculo, que circulou pelo mundo inteiro durante três temporadas (esteve na Culturgest em Fevereiro de 2003), foi feita uma gravação para a cadeia de televisão France 3 (2003) e um docu-

mentário sobre a companhia realizado por Etienne Aussenl, *Tour de Babelle*.

Em 2003, Dominique Hervieu cria para La Petite Fabrique, no Théâtre National de Chaillot, *Le Corbeau et le Renard*, transposição coreográfica da fábula de Jean de La Fontaine (mais de 300 apresentações em França e no estrangeiro).

Em Maio de 2004, José Montalvo e Dominique Hervieu coreografam e encenam a ópera de Jean-Philippe Rameau, *Les Paladins*, com direcção musical de William Christie das Arts Florissants no Théâtre du Châtelet em Paris. Saudado unanimemente pela imprensa nacional e internacional, o espectáculo é reposto em 2005 e 2006 em Caen, Londres, Xangai, Atenas, Paris e Tóquio.

Depois de o filme realizado por François Roussillon ter recebido em Praga, em 2005, o prémio para a melhor gravação de ópera, *Les Paladins* recebe o Grand Prix Audiovisuel et DVD de l'Académie Charles Cros 2006 e o diapasão de ouro para o melhor DVD do ano 2006.

Em Novembro de 2004, imaginam um percurso coreográfico no Museu do Louvre, *On danse au Louvre/ Carte blanche à la compagnie Montalvo-Hervieu*. Cinco mil espectadores deambulam pelo museu, no meio da mistura de épocas e de artes, experienciando um verdadeiro nomadismo estético. Em Janeiro de 2005, a sua criação *On danfe*, é entusiasticamente acolhida pelo público e pela crítica. Após 34 apresentações na sala Jean Vilar do Théâtre National de Chaillot, o espectáculo fica em digressão em França e no estrangeiro até ao final de 2007. Na Culturgest esteve em Novembro de 2005.

Em 2006, Dominique Hervieu cria um DVD interativo pedagógico sobre a diversidade cultural, concebido para o Ministério da Educação Nacional e o Ministério dos Negócios Estrangeiros: *L'Art de la rencontre - cartes postales chorégraphiques pour les Francoffonies!*

Em Junho de 2006, José Montalvo e Dominique Hervieu recebem o prémio coreográfico da SACD pelo conjunto da sua obra. Em Novembro de 2006 criam uma variação sobre *On danfe* destinada ao público juvenil com o título *La Bossa Fataka de Rameau*, um piscar de olho a Hugo Ball, fundador do movimento Dada.

La Danse, l'art de la rencontre, filme documentário de Dominique Hervieu, realizado por Dominique Hervieu e José Montalvo, é difundido pela ARTE em Setembro de 2007. Uma espécie de “colagem fílmica” ao serviço da poesia, do humor e da ilusão, este filme recebeu o Grand Prix Golden Prague do 44º Festival Internacional de Televisão Golden Prague e o Prémio do Festival de Cinema de Bagdade.

Em 2008, José Montalvo e Dominique Hervieu dedicam à obra de George Gershwin um díptico composto por duas obras muito diferentes: uma primeira parte em Maio de 2008 na Ópera Nacional de Lyon com *Porgy and Bess*, encenada e coreografada por Montalvo-Hervieu e com direcção musical de William Eddins e uma segunda parte, *Good Morning, Mr. Gershwin*, em Setembro de 2008, para a abertura da Biennale de la Danse de Lyon (na Culturgest em Dezembro de 2009).

Em Junho de 2008, Dominique Hervieu e José Montalvo assumem a direcção do Théâtre National de Chaillot,

respectivamente como directora e director artístico. Em 2009, tornam-se Officiers des Arts et Lettres e recebem o prémio Créateurs sans frontières do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Europeus.

Em 2010 criam *Orphée*, uma peça coreográfica a meio caminho entre a comédia musical e a ópera, visão contemporânea do mito de Orfeu.

Em Julho de 2011 Dominique Hervieu assumiu a direcção da Maison de la Danse e da Biennale de la Danse, em Lyon. José Montalvo continua a ser director artístico do Théâtre National de Chaillot, com Didier Deschamps.

Stéphanie Florant

bailarina

Após uma formação clássica e contemporânea no CNR de Bayonne e na escola de dança de Victor Ullate em Madrid, inicia a sua carreira com Blanca Li como intérprete de *Borderline* (2002) e depois nas criações e reposições de *Alarme* (2004), *Nana et Lila* (reposição), *Stress (pète pas les plombs)* (reposição), *L'Amour Sorcier (El Amor Brujo)/Al Andalus* (2002). Em 2003 Redha contrata-a para a comédia musical *Les Demoiselles de Rochefort*. É intérprete em *Le Sacre du printemps* do coreógrafo da Costa do Marfim Georges Momboye, peça que esteve em digressão em França e no estrangeiro de 2005 a 2008. Em 2006 junta-se ao alegre grupo de Edouard Baer no espectáculo musical *La Folle et Véritable Vie de Luigi Prizzoti* na Cigale e nas Folies Bergère, que juntava todas as artes do espectáculo. Voltamos a encontrá-la em *Candide* (2007), ópera de Bernstein encenada por Robert

Carsen no Théâtre du Châtelet e em *Cléopâtre* (2009), comédia musical de Kamel Ouali. Coreografa inteiramente o espectáculo *Freej* (abertura de Dubaïland) apresentado à família real dos Emiratos Árabes Unidos (2008). Em Outubro de 2009 é seleccionada entre 700 candidatos nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Natacha Balet

bailarina

Jovem bailarina de nacionalidade franco-suíça, estuda no Conservatoire Cantonal du Valais em Sion (Suíça) a partir dos 15 anos e forma-se em dança clássica e contemporânea. Diploma-se em dança pelo Centre de Formation des Enseignants de la Danse et de la Musique (CeFEDeM) de Normandie (2008) e continua a sua formação na Folkwang-Hochschule de Essen (Alemanha) onde aprofunda outras técnicas (como o teatro...). Entre 2003 e 2005 dança na Cellule d'Insertion Professionnelle e nomeadamente no Collectif Le Marchepied, grupo de dança contemporânea fundado por Corinne Rochet e Nicholas Pettit em Lausanne (Suíça) e participa nas criações *La Pertinence du non* (2004) e *Les 4 chambres* (2005). É intérprete em diversas criações na Europa com as companhias Les Chaises (2007) e Un train en cache un autre (teatro). Descobre o trabalho de Sylvain Groud (2009) com *Docks 76* e de Claudio Bernardo (Bélgica). Paralelamente, cria e apresenta em Rouen *C'est trop compliqué* e desenvolve trabalho pedagógico com alunos das classes infantis de Seine-Maritime.

Em Outubro de 2009 é seleccionada nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Morgane Le Tiec

bailarina

Formada na Ecole de Danse de l'Opéra de Paris e no Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris, onde obtém o diploma de dança clássica. Estagiária no Ballet de l'Opéra de Lyon durante alguns meses, dança depois em vários projectos artísticos clássicos e contemporâneos. Em 2007 integra a companhia canadiana La la la Human steps, com direcção de Edouard Lock, e participa na digressão mundial do espectáculo *Amjad* (2008). Muito aberta a outros estilos, dança paralelamente num grupo de *hip-hop* contemporâneo. Em Outubro de 2009 é seleccionada nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Delphine Nguyen,

nome artístico Deydey

bailarina

Inicia-se na dança *hip-hop* em 1998 e especializa-se nos estilos *funk*, *poping boogaloo* e *locking*, formando-se com os pioneiros destes estilos, os Electric Boogaloo, os Originals Lockers... Para desenvolver um estilo mais pessoal, enriquece o seu repertório com outras danças, como o jazz rock, a salsa e o sapateado. Impõe-se no universo das “batalhas”, ganhando numerosos prémios sucessivos em França: Total Session 8, 360 BPM fire 7 to smoke, Just For Ladies. A nível internacional

torna-se em 2009 a primeira rapariga a ganhar o título de campeã do mundo de *poping* na famosa competição Uk Bboy Championship. Goza de grande reconhecimento no panorama do *hip-hop*, o que lhe tem permitido trabalhar, entre outros, com Martin Solveig, Katy Perry e XL Middleton, e também de apresentar espectáculos como artista convidada, ser membro de júris de competições e dirigir estágios profissionais. Fez parte de companhias pioneiras do universo *hip-hop* como: Force7 (2004), Rualité (2007) e Aircompagnie. Em Outubro de 2009 é seleccionada entre 700 candidatos nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Babacar Cissé,
nome artístico **Bouba**
bailarino, coreógrafo

Bailarino autodidacta, iniciou-se na dança *hip-hop* em 1997. Trabalhador obstinado e apaixonado, forma-se, paralelamente, em dança africana, jazz, salsa. Começa rapidamente a receber convites de vários coreógrafos, entre os quais Anthony Egea - Cie Révolution para as peças *Noir blanc* (2001) e *Triptyk* (2002), e Hamid Ben Mahi - Cie Hors Série para as peças *Sekel* (2004) e *On n'oublie pas* (2007) para o festival Montpellier Danse. Está presente no panorama televisivo (curtas-metragens, *clips* vídeo) entre outras na emissão MTV Dance Crew (2005-2006). Tem múltiplos encontros e colaborações em festivais e encontra o coreógrafo Hamid Ben Mahi de quem é assistente em *EXIST EXIST* (2005), peça dançada pelo Ballet de Lorraine. Funda a companhia Les Associés Crew (2006), coreogra-

fando obras para diversos bailarinos de companhias *hip-hop* francesas. *Être et renaitre*, o seu primeiro trabalho, recebe vários prémios, entre eles o prémio SACD Beaumarchais (2008). “A dança é para mim a oportunidade de grandes encontros, a partilha de momentos únicos com o público num convite à viagem e ao sonho em que o artista transmite felicidade e emoção, em que cada um se encontra a si próprio (...)”. Em Outubro de 2009 é seleccionada nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Grégory Kamoun,
bailarino, actor, acrobata

Formado no Centre National de Danse Contemporaine d'Angers e também em teatro e em capoeira. Trabalhou como intérprete com Claudio Bernardo (*Paixão*, 2002), Alain Platel (*Wolf*, 2004), Raphaëlle Delaunay (*L'Echappée Couly*, 2003 e *Jeux d'intention*, 2006), T.R.A.S.H. (*Isa*, 2008). Pedagogo, recebe o diploma de estado de professor de dança contemporânea no CND em 2006 e anima numerosos estágios de dança, capoeira e virtuosismo no chão, nomeadamente no Canal Danse e no Centre National des Arts du Cirque. Em Outubro de 2009 é seleccionada nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Brahem Aïache
bailarino

Brahem Aïache nasceu em Béjaïa, cidade portuária da Argélia, em 1989. Apaixonado pelo desporto desde muito pequeno, sonha tornar-se jogador de

futebol. Quando tinha 11 anos, uma equipa profissional selecciona-o, mas alguns dias antes de começar a trabalhar com ela fere-se na tibia. Após numerosas operações, é-lhe amputada toda a perna direita. Isso não o impede de continuar a praticar desporto: futebol (com as muletas!), natação e ginástica, sempre com o objectivo de se tornar profissional. No contacto com bailarinos da sua cidade aprende o *breakdance* e lança-se na criação de espectáculos de *hip-hop*. O encontro com o coreógrafo Kamel Ouali, seu vizinho em Béjaïa, é decisivo: participa no espectáculo inaugural do Festival Panafricain Alger 2009 num dueto com Nicolas Fayol (bailarino da companhia Montalvo/Hervieu) coreografado por Kamel Ouali e acompanhado por Isabelle Adjani, que diz um texto. Depois chega a Paris, com a cabeça cheia de projectos. Nicolas Fayol informa-o da audição organizada para seleccionar o elenco de *Orphée* de Montalvo/Hervieu. Brahem é seleccionado e torna-se uma das personagens de Orfeu no espectáculo.

Luca “Lazylegz” Patuelli
bailarino

Nasceu, em 1984 em Montreal, no Quebec, Canadá, com arthrogryposis, um defeito congénito que afecta a estrutura óssea, o movimento das articulações e o desenvolvimento muscular das suas pernas. Em consequência, desde muito jovem que anda de muletas. Dança (*B-boying*) desde os 15 anos e tem tido um grande impacto na Comunidade Breakdance (B-boy) Mundial. Luca é fundador e criador da *ILL-Abilities™ Crew*, o primeiro e único

grupo internacional de *B-boy* constituído pelos melhores bailarinos “ILL-Abled” (portadores de deficiência) do mundo. O objectivo de *ILL-Abilities™ Crew* é demonstrar ao mundo que se formos criativos e nos adaptarmos a qualquer situação tudo é possível, com a ideia *No Excuses, No Limits! (Sem Desculpas, Sem Limites!)*. Luca tem competido em alguns dos maiores eventos do mundo e tem aparecido em muitos *media* internacionais, incluindo *Americas Got Talent, Much Music, MBC Korea, CBC, TFI, NBC Today Show* e muitos outros. Também se apresenta pelo mundo fora como Orador Motivacional, ensinando que a atitude positiva é tudo na vida. Em 2010 teve a maior honra da sua carreira até agora ao protagonizar e co-dirigir o segmento de dança “*One Inspires All*” na Cerimónia de Abertura dos Jogos Paraolímpicos de Vancouver 2010. Recentemente apareceu no programa sucesso de TV *So You Think You Can Dance Canada* em que chegou até à 3ª eliminatória da semana final, fazendo história como o primeiro bailarino com deficiência física que chegou tão longe na TV nacional. Tem igualmente tido participações ocasionais em filmes como *Kickin it Old School* (2007), *Sur Le Rythme* (2011), *Cochon de Gaza* (2011). É ainda formado em Marketing na John Molson School of Business da Concordia University em Montreal. Não tem qualquer intenção de abrandar o ritmo e tem planos de em cada dia elevar a sua carreira a um nível mais alto e provar ao mundo que “trata-se de pegar no mau e transformá-lo em bom” e “sem desculpas, sem limites”. Para mais informação sobre “Lazylegz” Patuelli ver o seu site www.lazylegz.com ou os seus vídeos loucos no Youtube.

Karim Randé
artista de circo

Após ter seguido o programa da secção teatral do Conservatoire de Musique, Danse, Art dramatique, Arts plastiques de Bordeaux-Mérignac, junta-se, como comediante, ao grupo MC2a – Migration Culture Afrique/ Aquitaine para uma digressão franco-africana. No regresso, apresenta-se como *performer* (luta de espadas, salto, acrobacia), em festivais medievais. Durante uma criação, conhece um comediante sobre andas que o inicia na prática das andas. Um encontro com a companhia Malabar mergulha-o no mundo do circo, uma imersão que vai levá-lo à acrobacia sobre andas. A companhia Malabar contrata-o para *Dinosaurie*, uma criação de teatro de rua, e em seguida trabalha com o fabricante de andas Jean-Pierre Fournales, antigo engenheiro aeroespacial, especialista nas tecnologias de combinação de suspensões e amortizadores, graças a quem ele co-funda a Hi-strider team, uma equipa de três acrobatas em andas que se contam entre os melhores do mundo. Trabalha com o Cirque du Soleil desenvolvendo projectos performativos gravados em vídeo durante os ensaios nas pistas de Junas, nas ruas de Montpellier ou na Grainerie de Toulouse. Hoje inscreve as andas no universo coreográfico da companhia Montalvo-Hervieu. Em Outubro de 2009 é seleccionado nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Stevy Zabarel,
nome artístico **Easley**
bailarino

Natural de Guadeloupe, desde sempre desejava de descobrir novos universos artísticos, inicia-se aos 12 anos em diversos estilos *hip-hop*: *break dance*, *dance hall*, *krump* e *newstyle*. A prática destes diferentes estilos leva-o a desenvolver um estilo pessoal que designa como *newstyle-krump* e um universo próprio (*the beast*). Em Maio de 2007 participa no lançamento das Battle Days de Berlim com o grupo Nouveaux Horizons, o que lhe abre as portas de futuras colaborações artísticas, nomeadamente com a companhia Gême Dimension, que junta jovens artistas (16 a 26 anos) originários do Togo, do Congo, da França metropolitana e dos territórios ultramarinos. É por outro lado bailarino-cowboy ou personagem dos Minimoys com os coreógrafos do parque Disney. Integra o grupo Authentik'ad em espectáculos no Stade Coubertin, no Trianon, e com o Solidanse no pavilhão Baltard (...). Em Outubro de 2009 é seleccionado entre 700 candidatos nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Sabine Novel
bailarina, soprano

Iniciou aos 6 anos uma formação em dança clássica e depois moderna na Haute-Savoie. Quando se prepara para entrar no CNDC d'Angers, dirigido por Jean-Christophe Paré, conhece José Montalvo e Dominique Hervieu e torna-se uma das intérpretes principais destes coreógrafos de 1991 até 2004.

Paralelamente segue uma formação em canto lírico e em dança barroca, que lhe permite criar, a partir de 1998, papéis dançados e cantados e desenvolver uma escrita coreográfica pessoal entre a dança barroca e a dança contemporânea. Entre 2004 e 2008 dança com a companhia de dança barroca l'Eventail, de Marie-Geneviève Massé. Cria a sua própria companhia, Le Miroir des Songes (2004), com que aprofunda o seu gosto pelo cruzamento das artes, dos géneros e das épocas. As suas criações são apresentadas em França, na Guiana, na Itália e na Venezuela em mais de 50 apresentações entre 2004 e 2009. Em 2008 participa com a companhia Montalvo-Hervieu em *Good Morning, Mr. Gershwin*. Actualmente, além de participar em *Orphée*, tem um novo espectáculo com Le Miroir des Songes (www.lemiroirdessonges.fr).

Blaise Kouakou
bailarino, cantor

Integra em 1993 o Ballet National de Côte d'Ivoire. De 1995 a 1997 dança e coreografa para diversas companhias da Costa do Marfim. Participa na criação de Bernardo Montet *Isse Timosse* (1996). Dois anos depois participa com a companhia Georges Monboye no espectáculo *Watissera*. Desde o seu encontro com José Montalvo e Dominique Hervieu em *Le Jardin io io ito ito* (1998), participa nos principais projectos coreográficos da companhia: *Variation au paradis* (2000), *Babelle heureuse* (2002), *On danfe* (2005), *La Bossa fataka de Rameau* (2006), *Good Morning, Mr. Gershwin* (2008), assim como nas óperas *Les Paladins* (2004) de Jean-

Philippe Rameau no Théâtre du Châtelet com direcção musical de William Christie e *Porgy and Bess* (2008) de George Gershwin na Opéra National de Lyon, com direcção musical de William Eddins. Intérprete e autor de canções populares e tradicionais, o seu canto, sensível e poderoso, está mais presente que nunca em *Orphée*.

Merlin Nyakam
bailarino, cantor, coreógrafo

Alcunhado Merlin l'Enchanteur (Encantador), dança desde os 5 anos de idade. Integra o Ballet National du Cameroun e torna-se bailarino-estrela aos 16 anos. Funda a sua primeira companhia em 1990 com apoio do Ministério da Cultura dos Camarões, e parte para França em 1992 para trabalhar com coreógrafos de renome como Georges Momboye, de quem se torna assistente, Gérard Gourdot, Philippe Jamet, Frédéric Lescure, Norma Claire. É um dos intérpretes dos coreógrafos José Montalvo e Dominique Hervieu em *Hollaka Hollala* (1994), *La Mitrailleuse en état de grâce* (1996), *Paradis* (1997), *Variation au paradis* (2000), *Le Jardin io io ito ito* (1999), *Babelle heureuse* (2002), *Les Paladins* (2004), e *On danfe* (2005). Em 2000, cria La Calebasse de Merlin Nyakam, companhia que reúne bailarinos e músicos, com que cria os espectáculos *Récréation primitive*, *Liberté d'expression*, *Et'Am* e *Le Théorème de Neuneen*. Fruto do diálogo entre a dança tradicional africana e a criação contemporânea ocidental, propõe uma interpretação actual da cultura africana, traço de união entre tradição e modernidade, Sul e Norte.

O seu trabalho é elogiado pela imprensa: “Uma hora de felicidade num paraíso africano que não tem nada de artificial” (*Le Figaro*); “Merlin Nyakam (...) a sua energia de corpo inteiro galvaniza o palco e aquece a plateia” (*L’Humanité*); “Um puro encantamento. Uma hora de satisfação e de humor. Sucesso garantido para Merlin, o encantador” (*Danser*). À margem das criações, é muito considerado como professor de dança africana e afro-contemporânea e desenvolve um número significativo de actividades pedagógicas e de sensibilização. O seu canto enfeitiçante, sedutor, está mais presente do que nunca nesta criação inspirada no mito de Orfeu.

Soanny Fay

soprano

Cantora lírica, trabalha como solista sob a direcção de maestros como Jérôme Corréas (*Musiques religieuses à Rome au XVIIIe siècle*, 2006, *The Fairy Queen*, 2008), Emmanuel Mandrin, Dominique Daigremont ou ainda Martin Gester (*Les Imbroglis de l’amour, une soirée chez Mozart*, 2009) e com vários grupos de música de câmara em França e no estrangeiro. Canta em grandes festivais na Abbaye de Noirlac, Musicales du Lubéron, Sistéron, Opéra de Vichy, Festival de Musique Ancienne de Lanvellec, de la Tarentaise...

Desde 2005 que trabalha também como cantora e actriz com o escritor e performer Christophe Fiat cujas criações *Rudolph Nureev is Dead* (2009), *La Jeune Fille à la bombe* (2007), *Si Carry White n’était pas une héroïne de Stephen King, elle serait terroriste* (2006) foram apresentadas no festival d’Avignon,

no festival 100 dessus-dessous de La Villette, no Festival international d’Art de Santarcangelo (Itália), nos Rencontres chorégraphiques de Seine-Saint-Denis ou distribuídos por France Culture. Em Outubro de 2009 é seleccionada nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Julien Marine

contra-tenor

Apaixonou-se muito cedo pelo canto lírico e pela história das artes e obtém o mestrado em Musicologia em 2005. Cantou sob a direcção de Didier Bouture, Christoph Eschenbach, Michel Laplénie, Christophe Grapperon, John Axelrod... com quem trabalhou a oratória, a ópera barroca ou a música para coro e orquestra sinfónica. Do repertório dos séculos XIX e XX têm igualmente uma lugar importante o *Lied*, a melodia francesa e a composição contemporânea, nomeadamente sob a direcção de Fernando Albinarrate. Julien Marine reinterpreta o repertório das Caraíbas em colaboração com a companhia Difé Kako em que mistura a arte lírica com os ritmos da *biguine* (dança popular das Antilhas), da mazurca, etc.

Sébastien Obrecht

tenor, violoncelista

Depois de um percurso fecundo como violoncelista, forma-se em canto com Howard Crook e em seguida Paul Mac Creesh oferece-lhe um belo início de carreira no papel de Mathan em *Athalia* de Haendel (2003). A imprensa elogia a sua prestação: “o tenor Sébastien Obrecht, revelação da noite” (*Le Monde*

de la musique), “a elegância do tenor” (*Diapason*). Muito eclético, trabalha a oratória, a ópera e a melodia de quatro séculos de música. Colabora com Jean-François Zygel (*La Leçon de musique e Le Cabaret classique*), Stéphane Goldet num atelier de cantores sobre *Tel jour telle nuit* de Poulenc, a orquestra Bel Arte, dirigida por Cyril Diederich (*Das Paradies und die Peri* de Schumann, Paris, 2006) e sob a direcção de Richard Boudharam, o fundador da orquestra, em que interpreta Tamino (excertos d’*A Flauta Mágica*, Unesco). Canta a *Paixão Segundo São Mateus* de Bach (Estrasburgo) e *Elias* de Mendelssohn (Paris), *La Cantatrice chauve* de Jean-Philippe Calvin com a orquestra Lamoureux sob direcção de Carlos Dourthé no Théâtre de l’Athénée; é Don José (*Carmen*, Théâtre du Trianon, Paris) numa encenação de Bruno Streiff, Don Ottavio em Lille e no festival d’Avranches. Com XVIII / 21-le baroque nomade, grava *Pellegrino*, que será reposto em Roma na Medicis no decurso de uma digressão europeia em 2008 (*Choc du Monde de la musique*). Grava ainda *Codex Caioni* e depois o disco *Te Deum* de Charles Levens com o grupo Sagittarius. É co-fundador do grupo vocal e instrumental Les Métamorphoses lyriques, com o qual é convidado para os festivais de Verão de 2010 com um programa Haendel. Em Outubro de 2009 é seleccionado nas audições da companhia Montalvo-Hervieu para o elenco de *Orphée*.

Florent Marie

músico

Primeiro pianista, depois guitarrista, Florent obtém em 2006 o seu DNESM de alaúde renascentista no CNSMD de Lyon na classe de Alaúde de Eugène Ferre e pratica uma grande parte dos instrumentos de cordas dedilhadas do período que vai do século XII até aos nossos dias. Gravou com o Ensemble Baroque de Limoges, o Ensemble Céladon e o grupo Charivari (Música Medieval e da Renascença) de que é co-fundador. Encontramo-lo também no programa Presto na France 2, com a orquestra Les Siècles. Além da sua participação em numerosos concertos com grupos como Capriccio Stravagante, Les Musiciens du Paradis, Collegium Vocale Gent, l’Atelier des Musiciens du Louvre, le Concert de l’Hostel Dieu, Canticum Novum, Unisoni, Les Boréades, la Compagnie des Violons du Roy, toca em várias óperas, por exemplo o *Orfeo* de Monteverdi (Philip Pickett), *L’Europe galante* de Campra (William Christie), *Jules César* de Haendel (François-Xavier Roth), ou ainda *Psyché* de Lully com a Compagnie des Bijoux Indiscrets (Claire Bodin), em que participa numa cena (Óperas de Toulon, Montpellier e Reims). Cada vez mais atraído pelo teatro, os projectos de l’Ensemble Non Papa, tais como o espectáculo *Voulez ouvrir les cris de Paris* (1º prémio do festival Étudiant de la ville de Paris em 2005), permite-lhe dar a ouvir o alaúde a um público mais vasto. Em Dezembro de 2009 participa na criação de *Puck*, uma peça de Marie-Laure Desbordes inspirada em Shakespeare, no papel de Lisandro. Florent ensina alaúde e tiorba no CNR de Toulon.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em: www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero



Próximo espectáculo

Filipe Raposo Trio

Apresentação ao vivo do CD 'First Falls'

Jazz Sáb 14 Janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12



© Egle Bazaraitė

Piano, acordeão Filipe Raposo **Fretless, baixo** Yuri Daniel **Contrabaixo** Carlos Bica **Bateria** Carlos Miguel **Bateria** Vicki **Violoncelo** Hugo Fernandes

Filipe Raposo, pianista e compositor, teve uma formação clássica, estudando piano no Conservatório Nacional de Lisboa e composição na Escola Superior de Música de Lisboa, mas rapidamente alargou os seus horizontes ao jazz, à música improvisada, à música popular ou mesmo ao fado.

No domínio do jazz apresenta-se a solo ou como líder do seu trio, ou faz parte de grupos como o Trio de Yuri Daniel ou a Tora Tora Big Band.

Mas Filipe tem também desenvolvido um intenso trabalho como compositor, arranjador e pianista, colaborando com grandes artistas como José Mário Branco, Fausto, Sérgio Godinho, Amélia Muge, Vitorino, Janita Salomé e muitos outros.

First Falls é o seu primeiro álbum como líder. Nele revela a diversidade da

sua formação e do seu percurso, sendo audíveis várias influências unificadas pela linguagem contemporânea da improvisação.

No disco, e consoante os temas, o seu trio teve formações diferentes. Ora o integravam Carlos Bica no contrabaixo e Vicky Fernandes na bateria, ora Yuri Daniel no baixo *fretless* e Carlos Miguel na bateria. Todos músicos dos melhores da cena jazzística nacional e com quem Filipe Raposo desenvolve, desde há tempos, uma relação de grande cumplicidade e entendimento.

No concerto desta noite, o Trio, tal como no álbum, apresentar-se-á nas suas duas formações.

Um espectáculo que para uns será uma bellissima revelação e para outros a confirmação de um magnífico compositor e líder, em diálogo com músicos excepcionais.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Joana João estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
